



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

O DEUS MARTE NA *ENEIDA* DE VIRGÍLIO:
UMA ANÁLISE SOBRE O IMPÉRIO ROMANO

Stifani Kern de Abreu

Rio de Janeiro

2022

STIFANI KERN DE ABREU

O DEUS MARTE NA *ENEIDA* DE VIRGÍLIO
UMA ANÁLISE SOBRE O IMPÉRIO ROMANO

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharelado em Letras na habilitação Português/Latim.

Orientador: Prof^ª Dr.^ª Arlete José Mota.

RIO DE JANEIRO

2022

CIP - Catalogação na Publicação

A855d ABREU, STIFANI KERN DE
O DEUS MARTE NA ENEIDA DE VIRGÍLIO: UMA ANÁLISE
SOBRE O IMPÉRIO ROMANO / STIFANI KERN DE ABREU. --
Rio de Janeiro, 2022.
35 f.

Orientador: Arlete José Mota.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Bacharel em Letras: Português - Latim,
2022.

1. Eneida. 2. Eneias. 3. Marte. 4. Augusto. 5.
Virgílio. I. Mota, Arlete José, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

Dedico este trabalho a todos os desesperançosos e desanimados. Não desista! Tudo é possível quando lutamos pelo objetivo que tão distante aparenta estar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela oportunidade que me concede a cada manhã;

À minha mãe, Neki Kern, por lutar por uma vida melhor para suas filhas mesmo quando isto não significou o melhor para ela;

À minha irmã por ser pai e mãe desde o meu nascer e até os dias de hoje;

Aos meus padrinhos, Mário e Rosana, por me amarem incondicionalmente;

Aos meus tios e tias, Marcia, Renato, Rose, Vini, Maria Helena, Leia e Ismael, por serem minha rede de apoio emocional e espiritual;

Aos meus avós, em especial vó Dinda, que me ensinou a ser verdadeira mesmo quando o mundo te empurra para o lado contrário.

Aos meus professores por me ensinarem muito além das páginas dos livros;

À minha orientadora, Arlete, pela paciência, apoio e por não desistir de mim.

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de analisar a presença do deus Marte na narrativa de Virgílio em *Eneida* em contraste com o cenário sociopolítico do período que data do início do Império. Através de passagens da obra é possível perceber a presença do deus da guerra e como suas características físicas bem como sua personalidade dialogam com a evolução de Enéias no campo de batalha rumo às terras latinas e que divergem de sua essência piedosa advinda de sua mãe, Vênus. Ao narrar a história do povo romano, Virgílio narra a história de Augusto e de toda a sua descendência conferindo a ele um poder supremo em relação a todos os demais. Poder este advindo de uma fonte que nenhum romano poderia contestar ou desrespeitar, sendo esta, a do próprio fundador de Roma, filho do deus Marte, Rômulo.

Palavras-chave: *Eneida*; Eneias; Marte; Augusto; Virgílio.

ABSTRACT

The present work aims to analyze the presence of the god Mars in Virgil's narrative in *The Aeneid* in contrast to the sociopolitical scenario of the period dating from the beginning of the Empire. Through passages of the epic story, it is possible to perceive the presence of the god of war and how his physical characteristics as well as his personality dialogue with the evolution of Aeneas on the battlefield towards the Latin lands and that diverge from his pious essence coming from his mother, Venus. In narrating the history of the Roman people, Virgil tells the story of Augustus and all his descent by conferring upon him a supreme power over all the most. This power came from a source that no Roman could contest or disrespect, this being that of the founder of Rome himself, son of the god Mars, Romulus.

Key-words: *Aeneid*; Aeneas; Mars; Augustus; Virgil.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. RELIGIÃO E LITERATURA EM ROMA	12
3. O CULTO AO DEUS MARTE NA ROMA ANTIGA	16
4. O DEUS DA GUERRA NA ENEIDA DE VIRGÍLIO	19
5. CONCLUSÃO	30
6.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	33

1. INTRODUÇÃO

É notória a presença do deus Marte durante o processo de formação do novo governo de Augusto César. Seu governo inicia-se após um conturbado período de guerras civis e disputa pelo poder, que chegaram ao ápice com a morte de seu pai adotivo, Júlio César.

Quando Augusto, então Otávio, assume o poder, Roma ainda vivia uma crise política e cultural que iniciara na época de seu antecessor e que era consequência do movimento expansionista do território romano, o que resultou em um aumento de influências estrangeiras e de escravos na metrópole.

A sociedade augustana é o resultado imediato da crise de finais da República, que se estendia da política à literatura, da filosofia ao cotidiano. E os romanos não ignoraram essa crise, pois tentaram encontrar respostas várias, em todos os campos onde ela se mostrava (OLIVEIRA, 2020, p. 48).

Para sanar tais problemas, eram necessárias várias frentes de combate, não apenas no campo de batalha, mas também no aspecto intelectual, sem distinção de gêneros, idades e grupos sociais.

Uma das principais características do final da República e início do Principado é uma verdadeira explosão da divulgação da cultura e da literacia, que, sendo comprovada inclusive com a descoberta de bibliotecas em campos militares, do Eufrates à Britânia, se estende de modo especial ao público feminino e fornece uma explicação sociológica para o facto de a mulher se ter tornado fonte de inspiração na elegia amorosa (OLIVEIRA, 2020, p. 58-59).

Não se podia ignorar, também, a importância da religião, pois os romanos tinham uma íntima relação com os deuses desde os seus ancestrais. Os deuses serviam como guias para suas atividades, na divisão de tempo e para resolução de questões políticas.

A criação do calendário civil republicano foi gradual. [...] De acordo com Aldo Schiavone, os sacerdotes passaram a ter um importantíssimo controle social do tempo e, ao lado dos três flâmines (de Marte, de Júpiter e de Quirino), dos augures e das vestais, foram os responsáveis pela organização da religião romana antiga (MENDES; BORGES, 2008, p. 81).

A presença de Marte desde o início da civilização romana é evidente. A começar pelo mito do nascimento de Rômulo e Remo, filhos do deus da guerra com uma vestal. A importância desta história para o povo romano – que inicialmente era um misto de

estrangeiros, ladrões, fugitivos e escravos (LEÃO; BRANDÃO, 2015, p. 29) – influenciou a divisão da sociedade e incentivou o aprimoramento bélico desde os seus primeiros séculos.

A população de Roma (patrícios e plebeus) encontrava-se dividida em 5 classes, de acordo com os rendimentos. Os mais ricos estavam na primeira classe. Os restantes entravam nas 4 classes inferiores (*infra classem*). No final, figuravam os desprovidos de posses: *proletarii* (cujas riquezas eram apenas a prole) e *capite censi* (recenseados por cabeça). A origem de tal organização era nitidamente militar, tanto que os elementos de cada classe usavam armamento pago por si de acordo com suas posses: os da primeira classe usavam armamento completo e nesta classe estavam também incluídas as 18 centúrias dos cavaleiros mais 2 de engenheiros; o conjunto reunia-se no Campo de Marte, portanto fora do recinto sagrado da cidade (*pomerium*). (LEÃO; BRANDÃO, 2015, p. 59).

Desde então, percebemos a presença de dois locais sagrados: a cidade enquanto local pacífico separado de conflitos e o Campo de Marte enquanto espaço dedicado à preparação de guerras, rituais religiosos antes e após a batalha, celebrações de promoções de guerreiros que se destacaram nas lutas e oferecimento das relíquias conquistadas ao deus da guerra.

Sendo assim, o período que vai da República até a ascensão de Augusto ao poder diverge com os costumes relatados nos primórdios da metrópole. Tão contaminados estavam pelas características de culturas estrangeiras bem como pela revolta contra o regime político, os romanos viviam uma crise que abalava não apenas o seu modo de vida bem como a forma como se relacionavam com o seu interior e o mundo exterior. Este conflito fica claro nas obras que datam de finais da República e início do império, momento no qual os sentimentos que foram despertados em meio às revoltas civis ainda estavam presentes na memória dos cidadãos.

também em Lucrécio se adivinha uma controvérsia clara sobre os mesmos temas da ambição política e do belicismo imperialista, que se contrapõem aos princípios morais epicuristas do quietismo, da aponia e da ataraxia, no âmbito da condenação da ambição política e do imperialismo belicista. Essa ideia é logo lançada na invocação a Vênus Genetriz com que abre o poema didático Sobre a Natureza, na éfrase de pintura de um quadro mitológico onde Marte, vencido pelo amor, certamente despe todos os atavios guerreiros para se reclinar no amável regaço de Vênus (Lucr. 1.28-37) (OLIVEIRA, 2015, p. 239).

É nesta mesma época, porém, que encontramos um desejo pelo império e defesa pela pátria:

E, para além da condenação da ambição na política interna, Lucrécio verbera de modo específico a ambição imperialista com a expressão *rerum potiri* apoderar-se dos bens, alcançar a supremacia (Lucr. 2-13).

Esta controvérsia, que também se encontra delineada na expressão de Catulo (cf. carne 29, contra César e Pompeu e seus desmandos e conquistas; carne 31, que celebra a alegria do regresso à terra natal por oposição às agruras de campanhas militares em terras longínquas), nos poetas elegíacos e na historiografia, não esconde a alidade existente – uma expansão assente em interesses políticos e num quadro ideológico que atribui a Roma uma superioridade carismática sobre outros povos traduzida na ideia de missão civilizadora (OLIVEIRA, 2015, p. 239).

E a partir deste ideal de superioridade missionária que Otávio, ao assumir o poder, intitula-se Augusto e inicia um processo de catequese do povo a partir da literatura, da arquitetura, da arte e dos movimentos políticos em relação à sua posição dentro do contexto romano e do valor supremo de sua família perante as demais famílias da metrópole. Para que isso se concretizasse, o imperador teve o apoio de poetas como Ovídio e Virgílio, sendo este último o responsável por recriar e confirmar a ascendência divina de César, na *Eneida*.

Neste trabalho, objetivamos comentar passagens da epopeia virgiliana em que o deus da guerra imprime em Eneias e nos guerreiros que vão à luta em nome do destino a força e a coragem necessárias para os combates. O deus que protegerá a família Júlia. Destacamos que para realizar nosso objetivo recorreremos especialmente aos dois volumes de *História de Roma*, organizados por José Luis Brandão e Francisco de Oliveira.

Quanto às passagens originais selecionadas da epopeia, utilizamos a edição *Les Belles Lettres* (em dois volumes). Esclarecemos também que transcrevemos as traduções para o vernáculo feitas por Tassilo Orpheu Spalding (VIRGÍLIO, 1993).

2. RELIGIÃO E LITERATURA EM ROMA

Sabe-se que uma sociedade é caracterizada por um grupo de indivíduos que compartilham interesses e costumes em um mesmo tempo e espaço e tais práticas expressam os pensamentos e a forma de viver comuns a eles. Da arte rupestre até os atuais vídeos cotidianos, o ser humano sempre buscou maneiras de registrar sua existência, preferências e pensamentos. Não foi diferente na Roma Antiga.

Já nas primeiras civilizações que compunham o lácio, no período do segundo para o primeiro milênio, é possível perceber práticas comuns que diferenciam um determinado povo de outro, como, por exemplo, os funerais do povo *vilanovense* (GUERRA, 2015, pág. 13). Não apenas neste, mas, também, nos demais povos desta região, encontram-se vestígios de uma cultura distinta à cada agrupamento de pessoas, sejam eles *vilanovenses*, *etruscos*, *lígures*, entre outros.

a realidade histórico-cultural coetânea da fundação tradicional de Roma associa-se, no plano arqueológico, ao que se designa como “a cultura lacial”. Nela se integram as diferentes comunidades do antigo Lácio, em particular os territórios de Roma e o dos Montes Albanos, no âmbito dos quais se situava a cidade de Alba Longa (ligada à ocupação dispersa pelo sudoeste do Lago Albano), cidade que, segundo uma tradição recolhida por Dionísio de Halicarnasso e retomada na epopeia virgiliana (Verg. Aen. 1.267), teria sido fundada por Ascânio/Julô. Por outro lado, também Lavínio (atual Pratica di Mare, junto à costa tirrénica), lugar onde teria aportado Eneias, se configuraria como outro dos núcleos importantes deste passado remoto que associam uma forte tradição mítica com os vestígios materiais de uma presença humana precoce (GUERRA, 2015, p. 23).

A fundação de Roma é atribuída à lenda de Rômulo e Remo, filhos do deus Marte com Reia Sílvia, sobrinha do rei de Alba, Amúlio. Por reconhecer nos gêmeos o poder de destroná-lo, Amúlio ordenou que as crianças fossem postas em um cesto de vime e levadas ao rio para que a própria correnteza, frio e fome os matassem. Seus planos faliram quando Faustulo, um pastor que morava na colina do Palatino, resolveu recolher os irmãos e salvá-los deste terrível destino. Neste mesmo local, anos depois, seria fundada Roma, cujo nome homenagearia seu primeiro rei e romano, Rômulo (GRIMAL, 2011, pg. 10).

Desde o nascimento de seu fundador, Roma cultivava em sua cultura uma profunda conexão com o divino – herança de crenças e práticas religiosas de seus predecessores geográficos. Através destes costumes é possível perceber a importância de se ter uma explicação para a origem da existência humana, neste caso, pautada na intervenção

constante de divindades, cada qual com suas características e influências sobre a rotina de um determinado povo:

Para além das afinidades que se revelam nos restos materiais, a estas populações se ligam igualmente tradições religiosas que se assumem, em determinado momento da organização federal destas comunidades, com um patrimônio comum (GUERRA, 2015, p. 23).

Pode-se notar, então, que, sendo Rômulo e Remo filhos de Marte, as gerações futuras manifestam qualidades guerreiras. Além disso, as vitórias romanas sobre os demais povos têm as marcas do deus da guerra. Originou-se um povo guerreiro e conquistador. E a literatura registrará e divulgará feitos gloriosos: eis o que se pode ver, por exemplo, na epopeia virgiliana.

Com relação às práticas religiosas romanas, deve-se ressaltar os aspectos que se relacionam à tradição. Seguindo alguns séculos após a fundação de Roma e seu período clássico, Cícero, no segundo livro da obra *Tratado das Leis*, ressalta a importância da observância dos cultos públicos e privados com as leis romanas e exprime sua preocupação quanto às práticas religiosas estrangeiras devido sua ameaça à tradição, convenção e utilidade social proporcionada pelos rituais religiosos.

Estudar os escritos filosófico-religiosos de Cícero significa trabalhar com a interpelação de seus textos para que seja possível a compreensão das especificidades de suas concepções sobre a Religião. Com esta magnitude é que as obras ciceronianas permitem contemplar a perspectiva expressa no Âmbito literário. Em suas obras, a Religião de Estado romana é exposta, principalmente, em seu caráter filosófico e político. Por sua vez, com ênfase primordial nos elementos vitais para a manutenção e permanência do poder da elite romana (OLIVEIRA, 2013, p. 81).

Desta forma, percebemos que a literatura e a religião estão diretamente ligadas ao âmbito filosófico e político da sociedade romana e para a manutenção de seus bons costumes. Conforme Rosa (2006), a religião estava “profundamente envolvida na vida política romana em todos os períodos” e o uso excessivo e interesseiro destes rituais a fim de conseguir vantagens poderia ter sido um dos principais motivos para seu enfraquecimento na República tardia. Entretanto, esta noção não corresponde à experiência religiosa:

A imagem da religião que percebemos, então, não corresponde a uma ideia de declínio a experiência religiosa. É claro que há várias indicações que sugerem que os agentes políticos romanos contavam com a religião e com os deuses como fatores importantes na determinação dos eventos e na garantia de suas reivindicações de

autoridade e comando. [...] De fato, a religião era uma das expressões, e das mais visíveis, da ideologia da elite romana, de suas técnicas de manutenção e/ou limitação do poder de indivíduos e de grupos políticos (ROSA, 2006, p. 145-146).

E foi exatamente respeitando este importante papel da religião na vida política e cotidiana romana e visando usufruir do poder que tais ritos representavam para a manutenção de uma soberania política que Augusto, ao vencer Antônio e retornar para Roma vitorioso, preocupou-se em instituir práticas que remetiam à tradição e que marcariam uma nova era na *Urbs*:

Vemos, porém, a ação de Augusto radicando do mesmo movimento de outros antes dele, como uma parte regular do ciclo da vida religiosa. A ação de Augusto está, evidentemente, em estreita conexão com episódios de restauração e especialmente com as recorrentes observações de que as tradições ancestrais estavam sendo perdidas ou abandonadas (ROSA, 2006, p. 148).

Augusto não ignorava a influência da religião, da arte e da literatura sobre o povo, em todos os níveis, e, por isso, sua proximidade tão importante com poetas como Virgílio e Horácio. Ambos, embebidos pelo sentimento de gratidão pela paz proporcionada através da vitória de Augusto, foram capazes de produzir obras que expressavam o amor à pátria, a angústia causada pela desordem e a esperança por tempos sem guerras civis (GRIMAL, 2011, p. 126).

No decurso das guerras civis, Roma perdera muitas das suas tradições. Otávio compreendeu que era necessário preciso dar-lhe outras novas. A empresa era difícil; ele se apoiou nos poetas para criar verdadeiros "mitos" a serviço de uma fé nova. Virgílio, redigindo a *Eneida*, deu ao novo senhor, mas também à sua pátria, o mais belo presente. Reuniu os elementos esparsos da velha lenda que unia os romanos – e muito particularmente Otávio, herdeiro de César –, à raça dos deuses. Justificou ao mesmo tempo a conquista romana – voltando a dar "boa consciência" aos conquistadores – e a ditadura de fato estabelecida pelo vencedor de Actio (GRIMAL, 2011, p. 128).

A maior batalha começaria com seu retorno para casa: a manutenção da paz. Augusto precisaria de armas com forte poder de persuasão, da paixão cega de seu povo, de um respeito para com sua posição como nunca visto antes e da disposição dos romanos em aceitar, apoiar, ajudar e se sacrificar em prol de um bem comum que seria determinado pelo próprio imperador.

Ignorar o poder da literatura e da religião neste processo político é apagar da história os principais recursos utilizados por um grande governante, que soube reconquistar o seu povo através da demonstração do respeito às crenças e ritos

tradicionais, do resgate de costumes antigos e da interligação entre a lenda tão enraizada no povo romano e a nova era que iniciaria com ele, Augusto César. As técnicas utilizadas foram sutis e quase imperceptíveis para os habitantes desatentos daquela época, mas notáveis quando analisadas com cuidado, sobretudo em trechos da *Eneida* e obras de Ovídio, em que a aparição de deuses reforça, não só a origem divina deste reinado, como os objetivos pertencentes a este novo período e que definiriam o futuro do povo romano.

3. O CULTO AO DEUS MARTE NA ROMA ANTIGA

Marte esteve presente na história de Roma desde o princípio, com a tomada de Réia e, conseqüentemente, o nascimento dos gêmeos Rômulo e Remo. Também retratado como Ares na cultura grega, o deus da guerra possui características que ditaram a cultura romana até a ascensão do cristianismo e, anos depois, a queda do império.

Sua figura é representada com uma lança e um escudo. Filho de Júpiter e Juno, sua personalidade se contrapunha à de sua irmã, Minerva, que, apesar de também ser guerreira, era justa e usava sua força em prol dos mais necessitados. Sua presença vem sempre acompanhada de sangue e disputas de poder e território.

É fato que existia um culto a Marte, apesar de Júpiter ser o deus de destaque em Roma, eram os traços de seu filho que fortaleciam a certeza da vitória na guerra e impulsionavam o povo romano a conquistar novos territórios devido, primeiramente, à escassez de comida e água e, tempos depois, para firmar a sua soberania dentre os povos antigos.

O culto a este deus espalhou-se por outros povos, juntamente com a expansão do território romano. Segundo Brandão, “Embora identificado com Ares grego, Marte é muito antigo na religião romana e preexiste ao deus helênico” (BRANDÃO, 1993, p. 215). Destacamos, também de Brandão, o seguinte comentário registrado em outra obra, no verbete “Ares”:

Na guerra de Troia pôs-se ao lado dos troianos, talvez por causa de Afrodite, mas tal opção não importa muito, uma vez que o deus não está preocupado com a justiça da causa que defende. Seu prazer, seja de que lado combata, é participar da violência e do sangue. De estatura gigantesca, coberto com uma armadura de bronze, com um capacete coruscante, armado de lança e escudo, combatia normalmente a pé, lançando gritos medonhos. (BRANDÃO, 2014, p.72).

A relação de Marte com a fundação de Roma dá-se através do mito de Rômulo e Remo, em que igualmente temos a presença da deusa Vênus em seu contexto, evidenciado através de sua maternidade com Eneias, ancestral dos gêmeos. Ambos os deuses eram amantes um do outro na tradição mitológica.

As vestais estavam estreitamente ligadas ao Mito de fundação de Roma que conta como Réa Silvia teria sido mãe de Rômulo e de Remo cujo pai era o deus Marte. Sendo uma sacerdotisa vestal, Réa Silvia não

poderia se casar nem ter filhos e, por isso, os gêmeos foram colocados em um cesto e atirados ao rio. Encontrados por uma loba, foram amamentados e criados por ela, até que, na idade adulta, após uma disputa entre os irmãos, Rômulo matou Remo acidentalmente e teria fundado Roma no local onde Remo morreria. Réa Silvia e seus filhos seriam descendentes de Enéias e Vênus, instituindo, portanto, uma Mitologia fundamentalmente familiar que atribuía divindade a toda a linhagem que descendesse desses personagens (RODA, 2012, p. 34-35).

Augusto valeu-se desse costume antigo e de uma lenda tão enraizada no dito popular para conceder a ele mesmo uma ascendência divina advinda da casa de seu pai adotivo. Vênus e Marte estão presentes na fundação de Roma assim como na epopeia de Virgílio, *Eneida*. Do mesmo modo como se relacionam na mitologia, Vênus e Marte também estão presentes na fundação de Roma, compondo, deste modo, o que seria a base das características do povo romano: paixão e guerra. Percebemos o começo da consciência bélica dos irmãos Rômulo e Remo, antes de descobrirem sua ancestralidade que remontava a Enéias e a ao deus da guerra.

Ao tomarem conhecimento da sua real ascendência, os gêmeos atacaram Alba Longa e repuseram no trono o avô, Numitor, embora optassem por não permanecer na cidade, cujo governo lhes caberia mais tarde por direito. Em vez disso, decidiram fundar uma colônia de Alba Longa, no local onde haviam sido salvos. A nova urbe acabaria por chamar-se Roma, designação que derivaria de Rômulo, depois de ele ter assassinado o irmão numa querela fútil, por alturas da delimitação das muralhas da cidade. Roma conheceu um crescimento rápido, devido sobretudo a grande capacidade de integração e acolhimento de outras pessoas (LEÃO; BRANDÃO, 2015, p. 28-29).

O culto ao deus Marte, com o tempo, uniu-se aos poucos com a história de Rômulo e Remo, como, por exemplo, o ritual *uer sacrum*, que remontava aos feitos desbravadores dos irmãos bem como a necessidade de se estabelecer no local de sua vitória. De certa forma, tal costume perdurou em Roma até o início de sua queda.

o *uer sacrum* (primavera sagrada) é o ritual segundo o qual todos os nascidos em determinada primavera eram devotados ao deus Marte e, quando cresciam, deveriam seguir um animal selvagem e estabelecer uma nova ocupação no local em que ele parasse para repousar (FAVERSANI; JOLY, 2015, p. 112).

Se esse espírito desbravador e repleto do sentimento de posse em relação à sua conquista (e conquistado) está diretamente relacionado aos feitos históricos do expansionismo territorial de Roma, não podemos afirmar com certeza, mas é impossível

negar tais similaridades. Percebemos sua influência, também, nas práticas bélicas bem como na organização do tempo dentro da sociedade, que evidenciavam a importância do deus da guerra para os romanos:

o ano cívico começava no mês de março, com as festas realizadas de 1 a 24 de março, em honra a *Ana Perenna* (deusa do retorno dos anos) e a Marte, cujo objetivo era a purificação das armas, dos escudos, das trombetas e da celebração do tempo renovado. O ano terminava no mês de outubro, quando era encerrado o ano militar, com vários festivais em honra a Marte, dentre os quais o denominado *October Equos* ou de *Equirria* e a e a festa *Armilustrum*. Novamente, as armas eram purificadas e os cidadãos passavam de soldados a civis, sendo simbolicamente reintegrados ao espaço de Júpiter (MENDES; BORGES, 2008, p. 84).

Além da presença dos símbolos de Marte nos rituais de purificação, sua celebração marcava o início e o fim do período de guerra para os romanos. Uma das evidências arqueológicas da organização do exército romano e do respeito que tinham ao deus da guerra data da época que marca os primeiros movimentos da mudança de regime político indo da Monarquia para a República: *Lapis Satricanus*.

Uma evidência arqueológica em Sático vem corroborar estas “confrarias” aristocráticas de guerreiros. Trata-se do denominado *Lapis Satricanus* (A pedra de Sático), descoberta em 1977, que contém uma inscrição datada de cerca de 500 a. C. onde se refere a dedicação a Marte por parte dos companheiros (*sodales*) de *Poplios Valesios*, que se poderia identificar com Públio Valério Públicola, um dos cônsules referidos para os primeiros tempos da República (BRANDÃO, 2015, p. 58).

É evidente a influência do deus da guerra sobre os romanos. Suas características ditaram suas primeiras atividades. Talvez seu povo, por ser composto por diversos tipos de pessoas, em sua maioria com uma personalidade similar a do deus Marte, ou seja, sedentos por conquistas através de lutas, tenha encontrado nesta divindade o alento em ter as suas ações protegidas e regidas por um ser maior.

4. O DEUS DA GUERRA NA *ENEIDA* DE VIRGÍLIO

A influência de Marte, sobretudo em momentos de guerra, deixou traços na literatura romana em diversos períodos de sua história. Não seria à toa sua sutil presença na obra que narraria a origem do povo romano. Percebemos seus traços não somente quando aclamado nominalmente na obra, mas também através dos seus símbolos, como o elmo, a lança e o escudo.

Os relatos escritos sobre a origem de Roma surgiram a partir do século III a.C., um período de afirmação da hegemonia romana na Península Itálica e no Mediterrâneo[...]. Esses relatos foram retomados com vigor dois séculos mais tarde, quando a sociedade romana, dilacerada pelas guerras civis do final da República, procurava resgatar a sua unidade, ou melhor, a sua identidade coletiva agora sob a égide do poder centralizado do *Princeps*, cristalizando um passado comum a todos os romanos através da reafirmação contundente das origens da cidade e dos valores tradicionais (*mos maiorum*). Desse período, têm a obra latina em prosa de Tito Lívio, História de Roma, e a em verso de Virgílio, Eneida; as duas foram motivados por Augusto. No final da República e no início do Principado, a erudição, tão bem ilustrada por Varrão, era moda. O estudo sobre as antiguidades romanas era incentivado por Augusto, pois se procuravam as virtudes da Idade de Ouro no passado original da cidade e sua restauração com o governo augustano (BUSTAMANTE, 2001, p.89).

Virgílio, na *Eneida*, carregava a missão de conceder ao povo romano uma origem, e ao imperador uma *persona* não terrena, mas divina também, concedendo a ele o direito por sangue de comandar Roma. Honrar a casa Júlia, advinda de Juno, mãe de Marte, foi um dos objetivos de Augusto, então Otávio, durante as batalhas e após suas vitórias.

O deus Marte desempenhou um importante papel ao longo do governo do imperador Otávio Augusto, que ostentava tê-lo como um de seus ancestrais divinos, assim como tinha Vênus, representada como a mãe de Eneias, cujo filho Ascânio/*Iulo* teria dado origem à *gens Iulia* e fundado a cidade de Alba Longa, de onde vieram posteriormente Rômulo e Remo, por sua vez filhos de Marte. Além disso, foi a este deus que Otávio prometeu um templo em 42 a.C., na batalha de Filipos, para vingar a morte de seu pai adotivo, Júlio César; e seria em seu templo que Augusto abrigaria os estandartes romanos recuperados dos partos. (CUNHA, 2021, p.2).

O poeta encontrou nas tradições gregas a receita para contar a história da origem do povo romano. Nesse período, a cidade romana já havia tido contato com a cultura grega e, até mesmo, com obras gregas adaptadas para o contexto romano. O autor não foi o primeiro a tentar transportar a *Ilíada* para Roma, mas, sem dúvida, foi o mais bem sucedido. Na epopeia virgiliana, vemos a história de Eneias, cujo filho seria o pai dos

fundadores de Roma, Rômulo e Remo. Percebemos a presença de diversas divindades romanas identificadas com deuses gregos, seus cultos e elementos característicos de suas personalidades como, por exemplo, as vestimentas de guerra relacionadas ao deus Marte, a sua sede sanguinária por vitória e a busca pelo poder.

Observaremos a seguir passagens selecionadas da *Eneida*, nas quais poderemos entrever aspectos relacionados à presença do deus Marte. Como já esclarecemos na Introdução deste trabalho, utilizamos as traduções de Tassilo Orpheu Spalding (In: VIRGÍLIO, 1983) – citaremos o texto latino e, em seguida, transcreveremos a tradução de Spalding.

A primeira passagem que selecionamos é do Livro II, vv. 668-69:

“Arma, uiri, ferte arma; uocat lux ultima uictos.
Reddite me Danais; sinite instaurata reuisam
proelia. Numquam omnes hodie moriemur inulti.” 670

Hinc ferro accingor rursus clipeoque sinistram
insertabam aptans meque extra tecta ferebam.
Ecce autem complexa pedes in limine coniunx
haerebat, paruunque patri tendebat Iulum:
“Si periturus abis, et nos rape in omnia tecum; 675
sin aliquam expertus sumptis spem ponis in armis,
hanc primum tutare domum. cui paruus Iulus,
cui pater et coniunx quondam tua dicta relinquer?”

Talia uociferans gemitu tectum omne replebat,
cum subitum dictuque oritur mirabile monstrum. 680
Namque manus inter maestorumque ora parentum
ecce leuis summo de uertice uisus Iuli
fundere lumen apex, tactuque innoxia mollis
lambere flamma comas et circum tempora pasci.
Nos pauidi trepidare metu crinemque flagrantem 685
excutere et sanctos restinguere fontibus ignis.
At pater Anchises oculos ad sidera laetus
extulit et caelo palmas cum uoce tetendit:
“Iuppiter omnipotens, precibus si flecteris ullis,
aspice nos, hoc tantum, et si pietate meremur, 690
da deinde auxilium, pater, atque haec omina firma.”

“Armas, guerreiros, trazei armas! O instante supremo chama os vencidos! Devolvi-me aos dânaos; permiti que continue o combate começado: já morreremos todos, hoje, sem vingança! Aí então me cinjo novamente com ferro: e já introduzia a mão esquerda na alça do meu escudo, e ia lançar-me fora do palácio, quando minha esposa, abraçando meus pés, me detém no limiar e me estende meu filho, o pequeno Iulo: ‘Se partes para morrer, leva-nos contigo para tudo o que suceder; mas se, experiente, pões alguma esperança nas armas que ora empunhas, defende, primeira, esta casa. A quem entregarás o menino Iulo, a quem teu pai e a quem sou eu confiada, outrora chamada tua esposa?’” Exclamando tais coisas Creúsa enchia o palácio com gemidos, quando, de súbito, se manifesta um maravilhoso prodígio. Pois eis que no meio das carícias e dos beijos dos pais em pranto, um leve fogo pareceu derramar luz do alto da cabeça de Iulo, lambendo-lhe, com chama inocente, sua crespá cabeleira, alimentando-se ao redor das têmperas. Nós, temerosos tremíamos de pavor, sacudimos sua cabeleira em chamas e extinguimos numa fonte o fogo sagrado. Mas meu pai Anquises ergueu com alegria seus olhos para os astros e estendeu as mãos para o céu exclamando: “Júpiter todo-poderoso, se tu te deixas comover por preces, lança somente um olhar sobre nós; e, se por nossa piedade nós merecemos, dá-nos, enfim, teu socorro, Pai e confirma este presságio”.

Nesse trecho da obra, percebemos a presença de um dos principais elementos de Marte, o escudo, sendo empunhado por Eneias em seu lado esquerdo, junto ao coração, e do filho do herói, que seria o predecessor de Roma – abençoado por Júpiter, o deus que seria o centro da metrópole. Assim deveria seguir o povo romano, abençoado por Júpiter, mas com a paixão pelo combate e pela vitória em seus corações.

Sua presença é perceptível também de maneira explícita enquanto inflama o coração de Ascânio, com a sede de vitória, no Livro VII, vv. 496-499:

*Ipse etiam eximiae laudis succensus amore
 Ascanius curuo derexit spicula cornu;
 nec dextrae erranti deus afuit, actaque multo
 perque uterum sonitu perque ilia uenit harundo.*

O próprio Ascânio, entusiasmado também pelo desejo de glória exímia, dirigiu o ferro com o arco recurvado: nem à incerta mão faltou a deusa, e a flecha disparada, rangendo muito, penetrou no ventre e nos ilhais do cervo.

Notamos que Juno abençoa Ascânio e oferece a Marte tudo aquilo que lhe agrada e solicita sua benção para seguir com suas ações, no Livro VII, vv. 540-547:

Atque ea per campos aequo dum Marte geruntur, 540
 promissi dea facta potens, ubi sanguine bellum
 imbuit et primae commisit funera pugnae,
 deserit Hesperiam et caeli conuersa per auras
 Iunonem uictrix adfatur uoce superba:
 “En, perfecta tibi bello discordia tristi; 545
 dic in amicitiam coeant et foedera iungant.
 quandoquidem Ausonio respersi sanguine Teucros,

Enquanto estas coisas se passam pelos campos e Marte se mostra indeciso, a deusa, tendo cumprido sua promessa e vendo que derramara sangue de guerra, começada com essas primeiras mortes, abandonou a Hespéria e, atravessando pelos ares os espaços convexos do céu, vitoriosa, fala a Juno nestes soberbos termos: “Eis, lá tens a discórdia acesa em furiosa guerra, bem como querias! Dize-lhes que se juntem em amizade e contratem alianças, agora que regueis os teucros com o sangue da Ausônia”.

Lembremos que Juno é a deusa da casa Júlia, de Júlio César, pai adotivo de Augusto César. E é ela que, através da guerra, propõe a paz através do laço de amizade entre os povos. Há, na epopeia de Virgílio uma constante presença dos deuses que se relacionam com a casa do imperador, o que reafirma a sua ascendência divina. Por exemplo, no Livro VII, vv. 601-622:

Mos erat Hesperio in Latio, quem protinus urbes
 Albanæ coluere sacrum, nunc maxima rerum
 Roma colit, cum prima mouent in proelia Martem,
 siue Getis inferre manu lacrimabile bellum
 Hyrcanisue Arabisue parant, seu tendere ad Indos 605
 Auroramque sequi Parthosque reposita signa:
 sunt geminae Belli portae (sic nomine dicunt)
 religione sacrae et saeui formidine Martis;
 centum aerei claudunt uectes aeternaque ferri
 robora, nec custos absistit limine Ianus. 610
 Has, ubi certa sedet patribus sententia pugnae,
 ipse Quirinali trabea cinctuque Gabino
 insignis reserat stridentia limina consul,
 ipse uocat pugnas; sequitur tum cetera pubes,
 aereaque adsensu conspirant cornua rauco. 615

Hoc et tum Aeneadis indicere bella Latinus
 more iubebatur tristisque recludere portas.
 Abstynuit tactu pater auersusque refugit
 foeda ministeria, et caecis se condidit umbris.
 Tum regina deum caelo delapsa morantis 620
 impulit ipsa manu portas, et cardine uerso
 Belli ferratos rumpit Saturnia postis.

Havia um uso no lácio da Hespéria, que as cidades albanas desde então consagraram, e que hodiernamente Roma, a maravilha do mundo, observa, quando incitam Marte aos primeiros combates, seja que preparem para levar a guerra, fonte de lágrimas, aos getas, aos hircânios ou aos árabes, seja que queiram marchar contra os indianos, penetrar no país da Aurora e recuperar as insígnias tomadas pelos partos. Há duas “Portas da Guerra”, assim as denominam consagradas pela religião e pelo horror que o cruel Marte semeia; fecham-nas com traves de bronze e barras de ferro de eterna duração; não afasta do limiar Jano, seu guarda. Logo que os senadores tomaram a irrevogável decisão de combater, o cônsul em pessoa, ornado da trábea quirinal e da toga cingida à moda dos gabinos, abre aquelas portas de gonzos estridentes; ele mesmo anuncia a guerra; e logo o seguem todos os guerreiros e fazem retumbar as cornetas de bronze com rouco som. Conforme este uso devia Latino declarar a guerra aos guerreiros de Enéias e abrir as portas funestas. Mas o venerável rei recusou-se a tocá-lhes, e, fugindo a esse funesto ofício, afastou-se e escondeu-se no lugar mais retirado do seu palácio. Então a rainha dos deuses empurrou com sua própria mão as portas demoradas, fazendo-as girar nos gonzos e, derrubados os gonzos, escancara os ferrados portões da Guerra.

A rainha dos deuses, narrada no trecho acima é, mais uma vez, Juno. E é ela quem abre as portas da Guerra, ou seja, que libera os caminhos para Marte passar e lidera os guerreiros que atendem ao chamado sanguinolento. Mais uma vez, em contraponto com a história, como tratado no capítulo anterior, é possível perceber a certeza que Augusto tinha em Marte como principal solução para liderar o povo romano e manter a paz dentro da metrópole através das guerras em outros territórios. Destacamos a seguinte passagem, no Livro XI, vv. 148-155:

At non Euandrum potis est uis ulla tenere,
 sed uenit in medios. Feretro Pallanta reposto
 procubuit super atque haeret lacrimansque gemensque, 150
 et uia uix tandem uoci laxata dolore est:

Quin ego non alio digner te funere, Palla,
 quam pius Aeneas et quam magni Phryges et quam 170
 Tyrrhenique duces, Tyrrhenum exercitus omnis.

Ademais, não saberia te fazer funerais mais dignos de ti, ó Palante, que estes que te faz o piedoso Enéias e os grandes frígios e os chefes tirrenos e todo o exército dos tirrenos.

E no Livro XII, vv. 406-410:

subuenit, et saeuus campis magis ac magis horror
 crebrescit propiusque malum est. Iam puluere caelum
 stare uident: subeunt equites et spicula castris
 densa cadunt mediis. It tristis ad aethera clamor
 bellantum iuuenum et duro sub Marte cadentum. 410

E o terrível horror redobra no campo, cada vez mais, e o perigo mais se aproxima; já vêem o ar encher-se de pó e os cavalheiros aproximam-se e os dardos caem densos no meio do acampamento; sobe aos ares doloroso clamor dos guerreiros que combatem e que tombam sob o cruel Marte.

É possível perceber a presença de Vênus quando Eneias é ferido em batalha e sofre as consequências de Marte. É a deusa da paixão e amante do deus da guerra que vem em seu auxílio para que seu filho cumpra os grandes feitos para os quais ele nasceu. A história de Roma começa com a presença de Guerra e Paixão, como vemos no Livro XII, vv. 416-429:

hoc Venus obscuro faciem circumdata nimbo
 detulit, hoc fusum labris splendentibus amnem
 inficit occulte medicans, spargitque salubris
 ambrosiae sucos et odoriferam panaceam.
 Fouit ea uulnus lympa longaeuus Iapyx 420
 ignorans, subitoque omnis de corpore fugit
 quippe dolor, omnis stetit imo uulnere sanguis.
 Iamque secuta manum nullo cogente sagitta
 excidit, atque nouae rediere in pristina uires.
 “Arma citi properate uiro! Quid statis?” Iapyx 425
 conclamat primusque animos accendit in hostem.
 “Non haec humanis opibus, non arte magistra

proueniunt, neque te, Aenea, mea dextera seruat:
maior agit deus atque opera ad maiora remittit.”

Vênus, com o vulto cercado de escura nuvem, trouxe o dítamo e com ele tingiu a água contida numa brilhante bacia, preparando ocultamente o remédio, e mistura-lhe os sucos benéficos da ambrosia e perfumada panacéia. O velho Iápige banhou a chaga com a água cujo poder ignorava; e de repente desaparece toda a dor e o sangue estancou no fundo da ferida e logo a ponta da flecha, seguindo a mão do médico, saiu sem esforço, e novas forças voltaram ao corpo do enfermo: “Armas! Depressa! Correi e lhe trazei armas! Por que demorais?”, grita Iápige, que é o primeiro a inflamar Enéias contra o inimigo. “Este milagre não provém de socorros humanos nem de minha arte magistral; não é minha destra que te salva, Enéias; um deus mais poderoso age e te reenvia a grandes trabalhos.”

Eneias, já revestido pelas armaduras e experiência com Marte e coberto pela medicina de Vênus, revela ao seu filho as grandes recompensas que o aguardam no futuro, como observado no Livro XII, vv. 430-437:

ille auidus pugnae suras incluserat auro	430
hinc atque hinc oditque moras hastamque coruscat.	
Postquam habilis lateri clipeus loricaque tergo est,	
Ascanium fuis circum complectitur armis	
summaque per galeam delibans oscula fatur:	
“Disce, puer, virtutem ex me uerumque laborem,	435
fortunam ex aliis. Nunc te mea dextera bello	
defensum dabit et magna inter praemia ducet.	

Enéias, ávido de lutas, já tinha enfiado no ouro uma e outra de suas pernas; maldiz a demora e agita a lança. Depois de adaptar ao lado do escudo, e a couraça ao peito, abraça Ascânio e lhe dá um beijo através do capacete, e lhe diz: “Aprende de mim, meu filho, a virtude e a verdadeira paciência; outros te ensinarão a felicidade. Hoje, meu braço, na guerra, assegura tua defesa e te conduzirá a grandes recompensas.”

Em um primeiro momento, podemos ler a epopeia de Virgílio notando as ações dos deuses de maneira romântica, sem dar a devida atenção. Porém, devemos lembrar que esta obra tinha um objetivo político e, em suas entrelinhas, a ascendência de Augusto é apresentada assim como todos os valores que ele deseja resgatar com o propósito de manter a paz e, deste modo, afastar qualquer desejo de reivindicação do trono, o que resultaria em uma guerra civil. Era preciso amar Augusto, e amar o imperador era amar a Roma. Livro IV, vv. 345-347:

Sed nunc Italiam magnam Gryneus Apollo, 345
Italiam Lyciae iussere capessere sortes;
hic amor, haec patria est. [...]

Mas agora é na grande Itália que Apolo de Grínia, é na Itália que os oráculos da Lícia me ordenaram que me estabelecesse: eis aí o meu amor, eis aí a minha pátria.

5. CONCLUSÃO

A presença de Marte e sua importância para o imperador ficaram impressas não apenas na literatura, mas também em toda a cidade. Era importante para Augusto que o deus da guerra fosse cultuado pelo povo romano, pois a paz na metrópole augustana só seria possível com a expansão do território para garantir sustento, propósito aos romanos e afastar quaisquer pensamentos ou atos que pudessem incentivar guerras civis.

Assim como vimos Juno negociar a paz através de sangue, assim também vemos a paz ser instaurada em Roma através das constantes disputas expansionistas desse período. Antes ver o sangue do inimigo banhar a terra estrangeira do que ver sangue romano correr pelas ruas da metrópole.

Confiar cegamente nas decisões e fazer exatamente tudo que o imperador dissesse era a receita perfeita para instaurar em Roma o período que hoje conhecemos como a Idade do Ouro. Essa devoção a Augusto só foi possível graças à retomada de valores ancestrais, incentivo às artes, construções de templos e inovações arquitetônicas e a concentração de batalhas fora do território romano.

Sua devoção por Marte é antiga e começou no campo de batalha, quando prometeu vingar a morte de seu pai adotivo. Sua promessa em construir um templo dedicado ao deus foi cumprida no final de seu governo e foi, por ele mesmo, associado à sua figura.

Deste modo, o templo foi prometido em campo de batalha, e de acordo com o próprio Augusto, o templo de Marte Vingador era manubial, ou seja, construído com as riquezas obtidas de seus inimigos derrotados, pois, segundo ele: “Construí em terreno particular e com espólios de guerra o templo de Marte Vingador e o Fórum de Augusto” (Feitos do Divino Augusto, XXI) (CUNHA, 2021, p. 3).

A vingança era o que impulsionava Augusto, mas era também esse espírito vingador que mantinha as atenções para fora de Roma. Após sua construção, alguns ritos religiosos que antes eram realizados no templo de Júpiter, foram transferidos.

O templo de Marte Vingador passou a ser o local onde os triunfadores deveriam depositar e dedicar a Marte aquilo que Suetônio (*A Vida dos Doze Césares, Vida de Augusto*, XXIX) denomina de *insígnia triumphorum*, e que deve se tratar da coroa e do cetro, citados por Dion Cássio (*História Romana*, LV. 10.3), os quais tinham sido usados pelo triunfador durante a cerimônia, bem como deveriam

colocar no templo os estandartes recuperados dos inimigos. Tais funções, que antes eram realizadas nos templos de Júpiter Capitolino e no templo de Júpiter Ferétrio, são transferidas ao templo de *Mars Ultor* (CUNHA, 2021, p. 13).

A ideia de vingança relacionada aos descendentes de Marte não é inédita e remonta, novamente, à lenda de Rômulo e Remo. Muitas foram as interpretações e vertentes dessa lenda, principalmente, devido ao principal veículo de transmissão da história, sendo este oral. Em uma das versões conhecidas do mito, vemos o fundador de Roma ser motivado por esse mesmo sentimento.

Rômulo enfrentava a mesma ambivalência interpretativa relativamente às circunstâncias que levaram ao assassinato do sabino Tito Tácio ou à sua própria morte. No primeiro caso era, no mínimo, acusado de alguma incúria na maneira como procurava fazer justiça ao assassinato do colega de governo, a fim de ficar sozinho à frente de Roma (LEÃO; BRANDÃO, 2015, p. 30).

Após o século V, os deuses romanos assimilam divindades gregas, sendo assimilado ao deus da guerra grego, Ares. Esse movimento deu-se pelo aumento de escravos estrangeiros advindos das guerras romanas com os territórios vizinhos e tais costumes eram incorporados na cultura romana, o que causou uma crise não só política, como filosófica, religiosa e literária. Este era mais um dos motivos pelos quais Augusto esforçou-se tanto para resgatar os antigos costumes e exaltar as divindades romanas. Contudo, devido ao expansionismo de seu pai e seu próprio sucesso nas conquistas de outros territórios, a influência estrangeira não diminuiu durante o seu império, pelo contrário, aumentou. Mas isto não era novidade na história deste povo.

Roma conheceu um crescimento rápido, devido sobretudo à grande capacidade de integração e acolhimento de outras pessoas, mesmo de elementos marginais e potencialmente perigosos (pobres, devedores, fugitivos e escravos), que, sendo na maioria homens terão sido forçados a raptar as Sabinas para garantir sua descendência, o que desencadeou uma guerra com os Sabinos e posterior fusão das duas comunidades, com Rômulo e Tito Tácio à cabeça (LEÃO; BRANDÃO, 2015, p. 29).

Era, portanto, necessário retornar à base da cultura romana e da presença da família enquanto fator decisivo para sua posição social. Augusto percebeu que dividir o poder com outros e manter a antiga estrutura da República não seria possível e sua visão missionária de Roma inicia com o império. Uma fase em que a paz seria conquistada através da guerra fora do território da Urbe e mantida através das diversas obras de urbanização e de incentivo às artes que visavam melhorar o estilo de vida do cidadão

romano e que o colocavam – ou assim provocavam este sentimento de superioridade – em um patamar superior ao das outras civilizações.

Ao longo da vida, Augusto, assumindo o papel de novo fundador, leva a cabo (ele próprio ou através de colaboradores) vastas obras de construção e reconstrução tendo em vista o embelezamento e engrandecimento da Urbe, imagem visível da deusa Roma: numerosos templos, bibliotecas, teatros, banhos, esgotos e outras estruturas de uso público. Entre as maiores obras, destacam-se o templo de Apolo no Palatino, a conclusão do Fórum de César, com o templo deste, a construção do Fórum de Augusto, cujas representações celebram o lugar central do princeps na gloriosa história de Roma, com o templo de Marte Vingador (Vltor), e a conclusão do Teatro de Marcelo em honra do sobrinho ao genro. [...]

O papel da família é assim exaltado, tendo o mausoléu como corolário. Junto a ele faz gravar a síntese de seus feitos (Res Gestae) e, perto, o Altar da Paz (Ara Pacis), decorado com cenas litúrgicas onde figuravam as deusas Roma e Terra, a família imperial e os seus ancestrais, Eneias, Rômulo e Remo (BRANDÃO, 2020, p. 41).

E é neste movimento de resgate dos bons costumes e da valorização da família que, através da obra de Virgílio e de tantos outros da mesma época (sobretudo daqueles pertencentes ao seletto Círculo de Mecenas, ou seja, apoiadores do imperador) encontramos símbolos, personagens e narrativas que não só justificam os feitos de Augusto como incentivam o respeito e o amor do povo romano pelo seu novo líder. Um sentimento tão forte que gera confiança e que perdurará por séculos em um sistema imperial dos césaes comandando o povo romano e os povos conquistados.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, José Luis. O principado de Augusto. In: BRANDÃO, José Luis; OLIVEIRA, Francisco de (Coord.). **História de Roma Antiga. Vol.2. Império e romanidade** hispânica. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020, p. 13-46. Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/handle/10316.2/36908> Acesso em: 02/08/2022.

_____. Da Monarquia à República. In: BRANDÃO, José Luis; OLIVEIRA, Francisco de (Coord.). **História de Roma Antiga. Vol. 1. Das origens à morte de César.** Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015, p. 53-68. Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/handle/10316.2/36908> Acesso em: 02/08/2022.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Dicionário mítico-etimológico.** Volume único. São Paulo: Vozes, 2014.

_____. **Dicionário mítico-etimológico da mitologia e da religião romana.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha. Rômulo e Remo: escritos e ritos. **História Revista**, 6 (2): 87-116, jul./dez. 2001. Disponível em:

<https://revistas.ufg.br/historia/article/view/10533/7003> Acesso em: 02/08/2022.

CUNHA, Macsuelber de Cássio Barros. O templo de *Mars Vltor* no Fórum de Augusto: o deus da guerra utilizado como símbolo de Paz. **Clássica: Revista Brasileira de Estudos Clássicos**, vol. 34, núm. 2, 2021. Disponível em: <https://revista.classica.org.br/classica/article/view/962> Acesso em: 02/08/2022.

FAVERSANI, Fabio; JOLY, Fabio Duarte. Expansão na Itália. In: BRANDÃO, José Luis; OLIVEIRA, Francisco de (Coord.). **História de Roma Antiga. Vol. 1. Das origens à morte de César.** Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015, p. 104-125. Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/handle/10316.2/36908> Acesso em: 02/08/2022.

GRIMAL, Pierre. **História de Roma**. Tradução de Maria Leonor Loureiro. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

GUERRA, Amílcar. Culturas e povos primitivos de Itália. In: BRANDÃO, José Luis; OLIVEIRA, Francisco de (Coord.). **História de Roma Antiga. Vol. 1. Das origens à morte de César**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015, p. 14-25. Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/handle/10316.2/36908> Acesso em: 02/08/2022.

LEÃO, Delfim; Brandão, José Luis. As origens da urbe e o período da monarquia. In: BRANDÃO, José Luis; OLIVEIRA, Francisco de (Coord.). **História de Roma Antiga. Vol. 1. Das origens à morte de César**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015, p. 27-51. Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/handle/10316.2/36908> Acesso em: 02/08/2022.

MENDES, Norma Musco; BORGES, Airan dos Santos. Os calendários romanos como expressão de etnicidade. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 48/49, p. 77-99, 2008, Editora UFPR. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/15295> Acesso em: 02/08/2022.

OLIVEIRA, Francisco de. Consequências da expansão romana. In: BRANDÃO, José Luis; OLIVEIRA, Francisco de (Coord.). **História de Roma Antiga. Vol. 1. Das origens à morte de César**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015, p. 233-311. Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/handle/10316.2/36908> Acesso em: 02/08/2022.

_____. Sociedade e cultura na época de Augusto. In: BRANDÃO, José Luis; OLIVEIRA, Francisco de (Coord.). **História de Roma Antiga. Vol.2. Império e romanidade hispânica**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020, p. 47-78. Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/handle/10316.2/36908> Acesso em: 02/08/2022.

OLIVEIRA, Isadora Buono de. Marco Túlio Cícero: possibilidades de fontes sobre as concepções discursivas religiosas romanas no século I a.C. **Revista História e Cultura**, Franca – SP, v.2, n.3 (Especial), p. 79-93, 2013. Disponível em: <https://ojs.franca.unesp.br/index.php/historiaecultura/article/view/1098> Acesso em: 02/08/2022.

RODA, Regiane Rafaela. **Mitologia Dantesca: a referência aos mitos greco-romanos na *Divina Comédia* pelo viés da (re)criação poética de Dante Alighieri**. Orientadora: Maria Celeste Tommasello Ramos. 2012. 169f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2012. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/99092> Acesso em: 02/08/2022.

ROSA, Claudia Beltrão. A religião na Urbs. In: SILVA, Gilvan Ventura da; MENDES, Norma Musco (Orgs.). **Repensando o Império Romano: perspectiva socioeconômica, política e cultural**. Rio de Janeiro: Mauad; Vitória: Ed. UFES, 2006. p. 137-159.

VIRGILE. **Énéide**. Livres I-VI. Texte établi par Henri Goelzer et traduit par André Bellessort. 8ème ed. Paris: Les Belles Lettres, 1956.

_____. **Énéide**. Livres VII-XII. Texte établi par René Durand et traduit par André Bellessort. 6ème ed. Paris: Les Belles Lettres, 1957.

VIRGÍLIO. **Eneida**. Tradução e notas de Tassilo Orpheu Spalding. São Paulo: Cultrix, 1983.